

A BUSCA DE UMA MORAL CRIADA PELO EXISTENTE HUMANO NA FILOSOFIA EXISTENCIAL DE SARTRE

Kátia Marian Correa*

Resumo: O objetivo do presente trabalho é apresentar uma proposta moral sartriana que se da enquanto um processo humano de criação e invenção. Sartre julga tal processo como um ponto de encontro entre o para-si e o si, que representa o seu fracasso e sua tentativa de tornar-se um em-si-para-si. O que possibilitará essa busca são as invenções constantes de outras possibilidades, bem como a criação de condutas e escolhas pelo existente humano que se engaja em seu projeto. Assim como o homem deve se inventar a cada instante e inventar a imagem de homem que acredita ser a mais adequada, os valores e uma suposta moral, também devem ser inventados incessantemente e vale ressaltar que serão relativos. Pois, a liberdade deve ser levada sempre em consideração, dito de outro modo, não assumir sua responsabilidade e liberdade é cair na má-fé, isso mostra uma falta de compromisso com sua própria existência humana, sabendo que ultrapassa o projeto solitário e volta-se para toda a humanidade. Conforme Sartre é possível uma aproximação entre a construção moral e a construção da obra de arte, pois em ambas temos criação e invenção. Ademais as decisões não são a priori e sim ao longo da existência concreta.

Palavras-chave: Moral criada. Humano. Existencial. Sartre.

Introdução

O presente trabalho busca refletir a respeito de uma concepção moral que pode ser explicitada no interior da filosofia existencial de Sartre. Vale ressaltar que o filósofo nunca publicou em vida uma obra sobre ética ou moral, mas, em sua célebre obra *O ser e o nada*, anunciou em suas últimas páginas a necessidade de dedicar uma outra obra sobre tal perspectiva.¹ Sabe-se que a mesma é intitulada *Cahiers pour une morale*² (1983) publicada três

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria – RS. E-mail: katia.marian@hotmail.com

¹ Pode-se encontrar na conclusão da obra *O ser e o nada* (2011) no item II - Perspectivas morais, mais especificamente na página 765, quando Sartre diz, sobre as questões levantadas sobre o viés da responsabilidade, da angústia, do ser em situação: “que nos remetem à reflexão pura e não cúmplice, só podem encontrar sua resposta no terreno da moral. A elas dedicaremos uma próxima obra.”

² Inicialmente Sartre chamou a obra que dedicaria para a questão moral de *L’homme*, escreveu-a no pós-guerra em um momento conturbado, em que a perda do sentido da existência e da humanidade podia ser notada, abandonando o projeto em 1949. Somente 15 anos depois retornou com grandes influências do marxismo, mas,

anos posteriores a morte do pai do existencialismo, nessa encontram-se temas em que Sartre se dedicou incansavelmente, entre eles: o bem, a bondade, a generosidade, a intencionalidade e etc. Isso reflete que além das peças teatrais, da ontologia, do existencialismo temas caros a tradição sartreana, há uma busca de consciência moral que perpassa o pensamento contemporâneo de sua filosofia. Mais do que fundar uma ética e uma moral, longe disso, é possível notar que há uma preocupação pela vida humana, pela busca de valores, a reconciliação entre os homens, quando se menciona que o valor de homem e de humanidade deve ser mantido e almejado ou que a liberdade é vista como o maior valor da existência humana. Há a bonita e essencial passagem à baixo em que Sartre menciona sobre isso, é essa:

Que o mundo tenha uma infinidade de futuros livres e finitos dos quais cada um seja diretamente projetado um livre querer e imediatamente sustentado pelo querer de todos os outros, na medida em que cada um quer a liberdade concreta do outro [...] Querer que um valor se realize não porque ele é meu, não porque ele é valor, mas porque ele é valor para qualquer um sobre a terra; querer que os outros façam existir o ser no mundo, mesmo se em principio o desvelamento existencial assim realizado me seja roubado, fazer com que um futuro multidimensional venha perpetuamente ao mundo, substituir a totalidade fechada e subjetiva como ideal de unidade por uma diversidade aberta de escapamentos escorando-se uns sobre os outros é colocar que em todo caso a liberdade vale mais que a não liberdade (1943, p. 292).

Se conforme Sartre, o Para-si é condenado a sua liberdade e isso quer dizer ser responsável pela invenção e criação do seu projeto, visto que não há uma essência a priori e sim uma construção ao longo da existência, o mesmo se da com a moral. A mesma não será formada por regras abstratas e instituídas, ao contrário, será relativa, ou seja, sempre poderá ser mudada devida as circunstâncias, as contingências e situações que os homens se encontrem. Visto que ao se engajar e se encontrar no mundo por meio de seu ser livre, se liga e muito mais que isso, se torna responsável por todos os homens. De certa forma, o homem acaba criando a própria imagem de homem que termina mostrando que os demais possam reconhecer suas potencialidades, os pesos que assumem, os valores que intencionam. É uma maneira de mostrar que não se trata de uma liberdade solitária e egoísta, mas, sim, responsiva, solícita ao outro, que une projetos existenciais.

1 A moral em situação

logo abandonou de vez para escrever *L'idiot de la famille*. Após três anos da data de seu falecimento em 1983, a editora Gallimard publicou *Cahiers pour une morale*.

Para que ocorra a construção de uma moral levando em consideração os elementos que formam o pensamento de Sartre, é necessário mostrar que a liberdade será tomada em si mesma como um valor. Ademais, a criação e a invenção serão fundamentais em tal processo, pois conforme Sartre o homem deve criar a si mesmo, bem como a responsabilidade que torna o homem em compromisso e engajado tanto em seu projeto existencial quanto com a humanidade. Eis o cerne do existencialismo de Sartre, a saber, que o homem é chamado a tomar consciência de sua liberdade, do que significa existir, de estar no mundo com os outros, refletir sobre suas ações e as consequências que as mesmas resultam. Por isso, que nas palavras de Sartre, a angústia é uma condição presente na existência humana: “É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, se preferirmos, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser, é na angústia que a liberdade está em questão em seu ser por ela mesma” (SARTRE, p. 55, 2001).

O homem que se encontra no mundo e estabelece relações com os objetos, com os outros seres, que pode encontrar algum conflito entre a sua consciência e as demais, deve lembrar que é imprescindível que a liberdade seja respeitada, valorada e buscada incansavelmente. Há uma superação nas relações humanas ao que diz respeito ao conflito, e isso se dá de maneira moral, pois, é por meio da própria liberdade que é possível tornar-se responsável, é por meio da mesma que o homem pode ter compaixão, bondade, gratidão com os demais indivíduos. O engajamento que o Para-si possui não se refere somente à moral, mas, a escolha radical, a nadificação do ser, é o que o sujeito realmente experiencia em sua vida de maneira mais concreta e real possível, é por meio da invenção da finalidade e dos valores que são inerentes às ações.

Referente à presença dos outros, Sartre concebe a importância que os mesmos possuem no processo de constituição do eu, em *O ser e o nada* já havia essa concepção apesar de ser muito mais no sentido ontológico do que no sentido de processo de formação humano. Já em *Cahiers pour une morale e no Existencialismo é um humanismo*, a presença dos outros possuem muito mais um caráter de aproximação positiva no processo do projeto existencial. Isso quer dizer, na criação e invenção do projeto que cada homem possui. Na moral também é necessário transcender do projeto individual, conforme, Sartre : “impossibilidade de ser moral sozinho”(1983a, p. 487). Além disso: Com isso quer dizer: “nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira.” (1987, p. 7).

Ao que se refere à criação e a busca de autenticidade para o projeto humano, Carlos Eduardo de Moura nos fala:

O homem é poder criador, mas um poder que é aniquilado na alienação e reconquistado na conversão; é o homem se deparando com a exigência da conversão. Por conseguinte, ele deve romper com toda vontade de ser que pudesse qualifica-lo de inautêntico, pois a autenticidade para Sartre se caracterizará pela recusa à busca do ser (em-si-para-si). Pela conversão, o homem pode tornar-se radicalmente autônomo em relação a toda vontade de ser, utilizando-se de ações criadoras e inventando-se a si mesmo, mas escapando a qualquer marca ontológica prévia. No homem de atitude autêntica, a reflexão, os sentimentos e as crenças são os instrumentos necessários para a realização de seu empreendimento (2012, p. 71).

A proposta sartreana de moral é que a mesma seja criação, assim como o homem. Pois, não se pode criar uma moral como a tradicional, seja religiosa cristã, a humanidade não pode ser vista e tomada como objeto, como nas palavras de Sartre um em-si-para-si. E sim criar uma moral com leis humanas. Por que: “O homem é fonte de todo o bem e de todo o mal e se julga em nome do bem e do mal que ele criou” (1982b, p.42). O homem não é algo determinado por uma natureza humana e sim por uma condição, ou seja, ao ser lançado no mundo existem vários elementos que de um primeiro modo lhe determinam, seja sua raça, cor, religião, mas, posteriormente ele pode negar ou assumir tais condições, pois, são possibilidades para que sua liberdade seja assumida. Ao viver, ao existir, o homem busca uma autodefinição, ao decidir e escolher vai buscando quem é. Sabendo que é aquilo que fizer de si mesmo. Dito de maneira mais enfática: “De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ela deva ser” (SARTRE, 1987, p. 6).

Os valores só entram no mundo por meio do indivíduo humano, atividades como significação e valoração do mundo são feitas pelos humanos. Os outros também possuem função fundamental nesse processo, ou seja, no mundo que é o local de seus projetos, isso implica a intencionalidade, o visar algo, quando a consciência é consciência de algo. Como diz Carlos, ‘o homem tem de construir-se numa ‘tábua de valores’ (2012, p. 48). Pois seu ponto de partida é o Nada e se encontra abandonado, ou seja, ele é o único ser que deve responder sobre seus atos, não tem em quem se prender e apoiar. Sartre nos diz:

A liberdade e principalmente o nada que é tendo sido no âmago do homem e que obrigada a realidade humana, ser é se escolher: nada lhe vem de fora, nem de dentro, que ele possa receber ou aceitar. Ela está inteiramente abandonada, sem nenhuma ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de se fazer ser até o mínimo detalhe (2001, p. 485).

Dessa maneira, percebemos que há algo incomum que une todos os homens, isto é, por meio da liberdade e do valor que a mesma representa na existência humana, é possível que aja um processo de invenção e um fazer-se homem. O homem se constrói escolhendo sua moral, diante dessa percebe-se que Sartre estabelece uma semelhança entre a moral e a obra de arte, é a seguinte:

O que há de comum entre a arte a moral é que, nos dois casos, temos criação e invenção. Não podemos decidir a priori sobre o que se há de fazer (...) O homem faz-se; não está realizado desde o início, faz-se escolhendo a sua moral e a pressão das circunstâncias é tal que ele não pode deixar de escolher uma (1946, p. 18).

Salientando que, cada ser humano escolhe em presença dos outros, se escolhendo também perante aos outros. Ora, quando o homem age, é preciso reconhecer que há sempre a intenção de se alcançar um fim, um resultado final, e para tanto é preciso estruturar os meios para alcançá-lo. Dito de outro modo, ao agir o homem se torna consciente do projeto que escolhe e, sendo assim, ele não é outra coisa que o seu projeto, as ações, as projeções que faz para o futuro.

É possível julgar as ações humanas, mediante a má-fé, é por meio da mesma que nota-se quando há um escapar da responsabilidade, um esquivar-se da resposta que não tem amparo algum, essa é uma mentira, é um fugir de si mesmo. Age por má-fé aquele ser humano que está em contradição consigo mesmo, visto que diz que certos valores existem antes de si ou dissimula sua liberdade de engajamento. Eis por que, a despeito de buscar um fim e uma realização, o homem jamais poderá preencher o seu ser de modo pleno, ou total. Enquanto liberdade o homem é um fazer-se ao longo de sua existência, é o seu projeto. Toma-se diante disso a seguinte explicitação: “O homem nada mais é do que o seu projeto; só existe na medida em que se realiza; não é nada além de um conjunto de seus atos, nada mais que sua vida.” (1987, p. 13).

Há decisões conscientes no interior do existente humano, ou seja, há um querer fazer, um querer criar, um querer realizar, e estes já pressupõem a escolha original, imprescindível para todo ato volitivo. Perante a criação temos:

A escolha é escolha de criar do outro lado o mundo, um estado que não é ainda, que não é uma projeção, e que é ao mesmo tempo eu-mesmo. Mas não há outro eu-mesmo que não seja este fim a realizar. Eu-mesmo e o mundo são uma única coisa, só que eu descubro eu-mesmo sobre o mundo criado ou a criar (de fato sempre parcialmente criado e parcialmente a criar) de forma não temática quando eu estou sobre o plano irrefletido (...) Assim a criação não pode ser uma direção da atividade humana, só pode haver criação se o homem for ele-mesmo por essência ato criador (SARTRE, 1983, p. 134).

Portanto, pode-se dizer que sendo assim a moral será concreta voltada para o “reino” das ações, segundo o pensamento sartreano: “Uma moral deve ser em ato.” (1983a, p.24). A moral que é pensada por Sartre, pretende retomar a ação dos homens e do mundo, e o homem que se encontra nesse mundo se depara com ambiguidades do ser e do nada, do particular e do universal entre outros elementos, faz-se necessário que reflita sobre a dialética da ação e de sua consciência assim como das demais consciências. Sartre não pretende tomar a noção de moral como as tradicionais, pois acredita que as normas busquem estruturas e padrões ontológicos, ou seja, maneiras de unificar o modo de ação humana, isso é totalmente contraditório com as questões levantadas e assumidas por sua filosofia. É por essa razão que a moral na perspectiva sartreana, tenta não engessar as condutas morais e as ações em moldes certos ou errados.

Contudo, vale salientar que Sartre de maneira alguma nega um universalismo, visto que a liberdade é vista como o maior e mais desafiador valor humano, que deve ser reconhecido e respeitado, além disso, a responsabilidade também anda lado-a-lado com tal valor, em que ambos devem ser válidos para todos os homens. É possível que o ato se liga a uma norma, o objetivo e sua função é de que o sujeito se torne sujeito de interioridade por meio do dever, frente a norma, o filósofo nos fala:

A norma se apresenta como a minha possibilidade (caráter objetivo: é, ao mesmo tempo, a possibilidade de qualquer pessoa) mas é na medida em que ela me designa como sujeito possível do ato que a norma – qualquer que seja o conteúdo [...] – representa a minha possibilidade de me mostrar como sujeito (1983a, p. 37).

O universalismo e imperativo do dever e da norma servem para que o sujeito possa reconhecer-se como autônomo, que domina e age por livres escolhas afirmando-se ao deparar-se com as situações exteriores ao invés de ser oprimido e dominado por elas. Com isso quer-se dizer que: “A representação da minha liberdade é o motivo que me impulsiona a realizar até o fundo a minha alienação” (1982a, p. 41). Em sentido de alienação visto que o homem deve procurar manter-se fiel a suas escolhas e ações, pois o apelo normativo apresenta-se como uma armadilha que pode alienar o agente moral. Esse mesmo deve produzir o seu ser, que se projeta para os possíveis, ou melhor, dizendo ao futuro.

2 O reconhecimento dos outros e a intersubjetividade: Implicações para uma moral criada

A moral criada pelo existente humano não será uma fusão de consciência em um único indivíduo. Mas, sim puro movimento, em que o ser é entendido com um absoluto que decide e age em presença de outras consciências. É por meio do conhecimento de si mesmo, das normas, dos valores e condutas que o homem tornará uma moral da criação, isto é, a criará com vistas em um relativismo. Pois, suas ações são projetos abertos que podem ser modificados, alterados e retomados constantemente, sendo assim o sujeito que é suas ações é também aberto a mudanças. O homem humano é individual e percebe-se como este-homem-aquí, reconhecendo-se como representante do gênero humano, que se encontra no mundo com os outros e seu valor real só é possível nessas condições, sempre para além de toda definição de espécie.

Sobre a individualidade o existencialismo sartreano afirma: “Em uma palavra, a individualidade não é certamente, a negação da particularidade animal em direção ao universal, mas a transcendência do universal em direção a invenção pessoal.”(1983a, p. 76). Ainda para clarear a noção de individualidade mencionada por Sartre, Carlos Eduardo Moura afirma:

Toda individualidade requer o reconhecimento dos outros e reconhecimento recíproco, ou seja, o sujeito é reconhecido pelo Outro ao mesmo tempo que o Outro o reconhece. Ele é reconhecido como cidadão (consumidor, sujeito passível de direitos) e de trabalhador (alguém que produz, isto é, um sujeito ativo) (2012, p. 87).

É por meio da negação, a saber, do nada, que o homem destrói e rompe com todas as formas e ideias que possam limitar seus projetos e escolhas, pois ele transcende a própria concepção de homem. O homem sempre está em busca incessante de novas experiências, se projeta em suas próprias possibilidades, forma uma moralidade subjetiva, valores e condutas do que julga ser o bem e o mal, o certo e o errado, há sim, portanto há um esforço subjetivo e particular que realiza enquanto um ideal ou projeção moral no interior do seu projeto existencial. O homem busca a verdade seja política, social ou eticamente, para que possa melhorar sua vida concreta e possa conviver em suas relações sociais. É com os outros que o Para-si estabelece relações, então é com esses que pode buscar a verdade, não absoluta, mas, sim a construção de conhecimentos para almejar suas ações e viver em Sociedade, pois as mesmas o ajudam a julgar sobre o âmbito da práxis, dito em sentido sartreano: “Pode-se

julgar, primeiramente, (e isso não é talvez um julgamento de valor, mas é um julgamento lógico que certas escolhas são fundadas sobre o erro, e outras sobre a verdade.)” (SILVA, 2003, p.88).

Para que o indivíduo encontre uma verdade é imprescindível que o faça em presença do Outro, Franklin Leopoldo e Silva professor estudioso de Sartre nos lembra disso, isso nos remete a:

Para obter uma verdade qualquer sobre mim, é preciso que eu passe pelo outro. O outro é indispensável à minha existência, tal como, aliás, ao conhecimento que eu tenho de mim. Nessas condições, a descoberta da minha intimidade descobre-me ao mesmo tempo o outro como uma liberdade posta em face de mim, que me pensa, e que nada, quer senão a favor ou contra mim. Assim, descobrimos imediatamente um mundo que nós chamaremos intersubjetividade, e é nesse mundo que o homem decide sobre o que ele é e o que são os outros (SARTRE, 1996a, p. 59).

É por meio da liberdade e dos outros que o homem pode obter verdades, vale dizer que a moral também perpassa esses elementos, é necessário que a mesma não tente suprimir a vida humana e sim afirma-la, toda moral que limita a vida deve ser interrogada, sendo assim: “A époque moral não deva suprimir uma nuance da vida humana” (SARTRE, 1983a, p.96).

A própria existência do homem se apresenta como valor, devendo se prolongar na própria existência, tendo em vistas que o homem torna-se o seu próprio fim, isto é: “O homem prolonga sua existência na prática, no Erlebnis, no vivido como consciência que se motiva a si mesma e que é dever-ser por si mesma” (MOURA, 2012, p. 92). Com isso, o Para-si: “Ele mantém sua essência e sua necessidade em sua liberdade” (SARTRE, 1983a, p.106).

Tudo está voltado para um fim concreto e voltado para o outro, tomado pelas instâncias da subjetividade humana. Dessa maneira, a moral é colocada como maneira que o eu trata e se relaciona com os outros por vias ontológicas. Segundo Sartre, há moral quando os homens se reconhecem em suas particularidades, mas, em um sentido de pessoa universal. Então: “A moral só é possível se todo mundo for moral” (1983, p. 16). É mediante as ações dos outros que possa encontrar uma verdade sobre o meu próprio eu, assim sendo: “O outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo” (2011, p. 290).

O homem não é uma consciência isolada no mundo, existe na dimensão e na facticidade do mundo, se relaciona com seu próprio projeto, ou seja, com sua existência humana. Ao ser lançado no mundo enquanto *Dasein* (ser-aí ou para-si), se encontra em uma condição humana, isto quer dizer, em um mundo que já possui determinações e criações de outros homens, assim, é inserido em um dado contexto histórico, político, social, entre outros

aspectos, que de antemão é passível, que são a possibilidade para que possa posteriormente assumi-los ou nega-los. Com isso, percebe-se que as normas, os valores e uma moral já são criados, há uma ligação com um nós, com um coletivo formado por outros homens. . Reforçando esse reconhecimento do outro: “O outro, como unidade sintética de suas experiências e como vontade, tanto como paixão, vem organizar minha experiência” (SARTRE, 2011, p. 295).

Além do aspecto individual ou pessoal dessa tomada de posição valorativa, há também o reconhecimento de que, no fundo, o valor não está apenas encerrado na imanência de minha intenção particular, mas sim no fato de que se trata da liberdade humana, entendida como sendo ela própria um valor. Nesse sentido, é preciso compreender o surgimento espontâneo da vivência valorativa como um tipo pré-reflexivo de vivência, ou seja, algo sempre passível de ser apropriado pela reflexão, pelo ato de assumir riscos e, principalmente, viver até as últimas consequências na angústia da liberdade.

O ser humano só é na ação. “A condição indispensável e fundamental de toda a ação é a liberdade do ser atuante” (2011, p. 540). Dessa forma, nada pode objetivá-lo, nunca se pode justificar o que fazemos recorrendo a causas exteriores, a impulsos obscuros, a forças que determinariam nossos comportamentos e escolhas. O ser humano se apreende a si mesmo na medida em que escolhe. Procuraremos mostrar, no entanto, que esta consciência de si não é o emblema de uma solidão monádica, e sim a descoberta de que nos encontramos diante dos outros. Eis, com efeito, a condição de nossa existência. Para Sartre, o que há de universal em nós não é uma essência, mas uma condição: o ser-no-mundo. É isso que torna um projeto compreensível para nós. Construimos o universal: nós escolhemos. Nós realizamos a humanidade ao escolher e ao responder pelas escolhas. Escolhemos nossa moral, isto é, nós a inventamos. Se eu escolho meu fim, estou comprometido. No entanto, só escolho diante dos outros, e é por isso que podemos julgar “logicamente” nossas decisões. A ma-fé existe, ela torna possível julgar o que fazemos. Não há, pois, determinismo.

Considerações finais

O problema não é, portanto, questionar a moral existente, não é dizer não à moral supostamente universal mediante um modo individualista de se agir, centrado numa vontade de poder. O que se descreve é, antes, a possibilidade de nos subtrairmos a todo determinismo, é a tomada de consciência de que é preciso justificar-se diante de si e dos outros tendo em

vista nossos próprios atos, é a saída ou abandono de um abrigar-se em fórmulas abstratas, numa palavra, é o surgimento de uma consciência moral que consiste em responder pela própria liberdade. Como, então, afirmar que a liberdade é o grande valor? Para se poder definir o ser humano pela liberdade, não é preciso descrevê-lo a partir de sua relação com os valores? Mais ainda: não é fundamental explicitar as valorações por uma análise minuciosa? Se a responsabilidade por nossos atos não é uma escolha, e sim uma forma de consciência moral que nos define como humanos, como sustentar que a liberdade é o grande valor? Se a moral sartreana se define pela possibilidade permanente de criação e invenção, como defender que é possível julgar logicamente nossas ações? Há, em Sartre, o conceito de correção moral? São questões que impulsionam a pesquisa e o estudo, de forma a motivar para a busca de reflexões e possíveis respostas e apontamentos.

Esse tema é importante e inovador no sentido de que geralmente quando se estuda e pesquisa sobre a perspectiva ética e moral na filosofia de Sartre, volta-se com maior dedicação para o existencialismo, marxismo ou para a política. Mas, é possível voltar-se com maior atenção a consciência moral no interior do seu pensamento com sua obra magna, porém, publicada somente após seu falecimento, a saber, *Cahiers pour une morale*. A mesma não possui uma tradução para o português, é pouco conhecida e estudada. É justamente por essa entre outras questões, que fazem surgir à vontade de explorá-la, de forma a possibilitar novas reflexões e difundir o que o nosso filósofo pai do existencialismo, dedicou a redigir na mesma. Ali pode-se encontrar elementos inovadores e colocações que avançam para a perspectiva moral que criam várias outras possibilidades de conhecimento sobre sua própria filosofia e pensamento.

Referências

MOURA, Carlos Eduardo de. **Consciência e liberdade em Sartre: por uma perspectiva ética**. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

SARTRE, Jean Paul. **A imaginação**. Tradução Roberto Salinas Fortes. 6. Ed. São Paulo: Difel, 1982 a.

_____. **Cahiers pour une morale**. Paris: Gallimard, 1983.

_____. **Determinação e liberdade**. In: Volpe, G.D et al. *Moral e sociedade: um debate*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **L'être et le néant: essai d'ontologie phénoménologique**. Paris: Gallimard, 2001.

_____. **L'existencialisme est une humanisme**. Apresentação e notas de Arlette Elkaim-Sartre. Paris: Gallimard, 1996 a. (Folio/ Essais collections).

_____. **O ser e o nada** – Ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão, 20ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Situations, IX**. Paris: Gallimard, 1987.

SILVA, Franklin Leopoldo. **Conhecimento e identidade histórica em Sartre**. Transformação, Marília, v.26, n. 2, 2003.